

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

74

INSCRIÇÕES 324-329



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2003

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal N.º 21216/88

PLACA FUNERÁRIA DE DUAS IGREJAS
(VILA VERDE)

Placa funerária romana, de granito de grão fino, levemente rosado, pouco feldspato e pouca mica. Está encastrada numa parede no interior da sacristia da igreja de Duas Igrejas, concelho de Vila Verde, distrito de Braga¹.

Dimensões: 63 x 42.

MEBDI / VAGONI(i) / F(i)lii) · AN(norum) · LX (sexaginta) / MVNI/[MENTVM]

Monumento de Mebdo, filho de Vagónio, de 60 anos.

A lápide foi verosimilmente avivada em tempos modernos; daí, as aparentes anomalias da grafia que levaram a considerá-la medieval. Na l. 1, regista-se o nexos ME e o D tem o traço vertical prolongado acima do vértice superior. Na l. 2, VA estão também em nexos e o traço oblíquo no vértice inferior do C leva-nos a pôr a hipótese de ler aí um G, apesar de ser grafia não confirmada com outros exemplos (que saibamos). Na l. 3, o F é quase cursivo; o A toca no N no seu arranque inferior; o L foi desenhado de uma só vez, de cima para baixo, levemente ondulado, portanto; o X é uma cruz². Na l. 4, o N foi gravado ao contrário. Afigura-se-nos possível que a palavra *munimentum* terminasse completa numa l. 6, com nexos ME e VM.

¹ Já tivemos ensejo de nos referir, ainda que ao de leve, a este monumento: cf. Tarcísio Daniel Pinheiro MACIEL, *O Povoamento Proto-Histórico do Vale do Neiva*, Antas — Esposende, 2003, p. 82-83. E observámos, então, que H. L. Regalo (in «Levantamento arqueológico do concelho de Vila Verde», *Minia*, 8, p. 70-110, 101) a interpretara como sendo medieval.

² Um outro exemplo, colhido ao acaso, em IRCP 424.

Mebdus é antropónimo etimologicamente hispânico, que já María Lourdes Albertos³ referenciou, com três testemunhos, em genitivo⁴: CIL II 5556, de Vila Real; CIL II 5580 (= ILER 4139), de Cárquere (Resende); e também EE VIII 110, de Guidões (SantoTirso), onde se lê *Mebsi* e que aquela linguista terá considerado equivalente ou resultante de grafia errónea. Não se teceu, até ao momento, nenhum comentário acerca do eventual significado do antropónimo, cuja ocorrência se circunscreve, como se vê, a uma área bem restrita da Península Ibérica.

Na hesitação entre *Vagonius* e *Vaconius*, inclinar-nos-íamos para *Vaconius*, uma vez que se registam antropónimos indígenas com o radical *vac*-⁵. É, porém, a primeira vez que se encontra esta forma.

O uso da palavra *munimentum* — em vez de *monumentum*, lugar de sepultura, «moimento» — pode querer acentuar a ideia de que se trata de um lugar seguro, protegido.

A paleografia, não obstante a simetria do M e a perfeita circularidade do O, de pouco nos poderá servir como elemento de datação, pois nos parece (como se disse) que o letreiro poderá ter sido reavivado. De qualquer modo, a simplicidade do texto (sem invocação aos Manes, sem fórmulas finais) e a forma de identificação do defunto, bem à maneira indígena sugeririam, de preferência, uma cronologia dos primórdios do século I da nossa era.

TARCÍSIO MACIEL



324

³ *La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 152.

⁴ «Sin evidencias del nominativo», escreve Juan Manuel Abascal Palazón: *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 425.

⁵ Cf. María Lourdes Albertos Firmat, *o. c.*, p. 241.

ESTELAS DE MALPARTIDA DE CÁCERES
(CÁCERES)

Las dos inscripciones que aquí presentamos proceden de los fondos del Museo de Cáceres. La primera de ellas aparece con el nº de inventario 6984 pero no se dice el lugar del hallazgo, sólo que procede de Malpartida de Cáceres, localidad próxima a la capital cacereña.

Se trata de una estela de granito rojizo de forma rectangular fracturada en la cabecera y en la base. En su parte superior se aprecian restos de dos escuadras enfrentadas, parte de las cuales ha desaparecido por la rotura longitudinal que de izquierda a derecha y de arriba abajo mutila la cabecera. El neto inscrito, con siete líneas de texto, está rebajado; las letras son capitales cuadradas y la interpunción redonda.

Dimensiones: (87) x 35 x 21 cm; letras: 5 cm.

SVNVA · L/AETI · F(*ilius*) · AN(*orum*) / XV · H(*ic*) · S(*itus*) · /E(*st*) · S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) · L(*ewis*) · C/ESEA · MAT/ER · D(*e*) · S(*ua*) · P(*ecunia*) · F(*aciendum*) / C(*uravit*)

“Sunua, hijo de Leto, de 15 años, aquí yace. Séate la tierra leve. Su madre Cesea de su dinero procuró hacerlo”.

El texto del epígrafe hace alusión al epitafio funerario de un indígena como denuncia su sistema onomástico: nombre único + filiación.

Sunua es un antropónimo indígena ampliamente extendido en la *Lusitania*¹. En los territorios cacereños es particularmente fre-

¹ J. M. Abascal, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia 1994, págs. 517-518.

cuente, documentándose en localidades como Madrigalejo², Ibahe-
nando³, Cáceres capital⁴ y, sobre todo, en Coria⁵, donde aparecen
cuatro casos.

Cesea es un antropónimo escasamente representado en la
epigrafía peninsular. Se atestigua exclusivamente en localidades
como Fundão⁶ e Idanha⁷. Hasta la fecha no se conoce ningún otro
caso en la provincia de Cáceres.

Laetus es un *cognomen* romano raro en *Lusitania*, pero muy
extendido en la *Baetica*⁸.

Por el formulario epigráfico se fecharía en el siglo II d. C.

326

La segunda de las inscripciones está catalogada con el nº de
inventario 6976, y aparece como procedente del paraje denominado
“Los Barruecos”, término municipal también de Malpartida de
Cáceres.

Corresponde a una estela funeraria elaborada en una *cupa* de
granito con la parte trasera en forma redondeada como corresponde
a este tipo de monumentos. La cabecera es recta con los ángulos
biselados y en ella se aprecia un creciente lunar inciso. Está rota
por arriba y por abajo. El neto inscrito está rebajado formando una
cartela y el texto, bastante deteriorado, se lee con dificultad. La úl-
tima línea está fuera del recuadro. Las letras son capitales cuadra-
das con rasgos rústicos y la interpunción redonda.

Dimensiones: (73) x 33 x 25 cm; letras 4 cm.

QVINT/VS · CAE/NONI(s) F(i)lius / AN(norum) XII · H(ic) /
S(itus) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) / ⁵ CÂMIRA /
MÂTER / · F(aciendum) · C(uravit)

² *HEp* 2, 1990, 213; *AE* 1987, 488.

³ E. Cerrillo, *La basílica de época visigoda de Ibahe-
nando*, Cáceres 1983, pág. 413, fig. 57.

⁴ *HAE*, 1891.

⁵ R. Hurtado de San Antonio, *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas*.
Cáceres (=CPIL), Cáceres 1977, nº 215, 232, 740 y 741.

⁶ *AE* 1977, 362.

⁷ *HAE*, 1111.

⁸ J. M. Abascal, *Los nombres personales, op. cit.*, pág. 395.

“Quinto, hijo de Cenón, de 12 años, aquí yace. Séate la tierra leve. Su madre Camira procuró hacerlo”.

Quintus lleva un nombre romanizado, pero su filiación delata su origen indígena. Sus testimonios aparecen repartidos por la epigrafía peninsular, pero es la provincia de Cáceres la que ofrece mayor número de ellos¹.

Tanto el nombre del padre, *Caeno*, como el de la madre, *Camira*, son antropónimos típicamente indígenas.

Caeno aparece con frecuencia en territorio lusitano y particularmente en territorios cacereños².

Camira es un nombre de ascendencia indoeuropea cuyos testimonios se concentran en su totalidad en la región lusitana³. En la provincia de Cáceres aparece bien representado en localidades como Abertura⁴, Alcántara⁵, Baños de Montemayor⁶, Coria⁷, Plasencia⁸, Trujillo⁹ y Villamesías¹⁰.

Por el formulario epigráfico se fecharía en el siglo II d. C.

JOSÉ SALAS MARTÍN
JULIO ESTEBAN ORTEGA



325



326

¹ *Ibidem*, pág. 478.

² *Ibidem*, pág. 308.

³ *Ibidem*, pág. 314.

⁴ *HEp* 5, 1995, 154.

⁵ *CIL* II, 757.

⁶ *CIL* II, 886.

⁷ *CIL* II, 776.

⁸ *CIL* II, 853.

⁹ *CIL* II, 623.

¹⁰ *CIL* II, 664.

DEDICACIÓN A JÚPITER ÓPTIMO MÁXIMO
EN CEPEDA (SALAMANCA)

Ara votiva de caliza a la que le falta el coronamiento, posiblemente recortado en la reutilización de la pieza. La parte inferior se encuentra oculta por el muro que corta perpendicularmente al que contiene la inscripción. Se conserva en la iglesia parroquial de San Bartolomé en la localidad salmantina de Cepeda, en plena Sierra de Francia¹, en la fachada sur, donde fue insertada girada hacia la izquierda a finales del siglo XVII o principios del XVIII, fecha en la que se data el pórtico de entrada de dicha iglesia. Se encuentra, a una altura de 4'06 m en de la cuarta hilada — última de la derecha — contando desde la techumbre de madera que cierra dicho pórtico. En este lugar la vimos el día de San Bartolomé de 2003.

Medidas: (34) x 32 x ?

I(ovi) O(ptimo) M(aximo)
sac(rum)
Iulius
Vegetus
[v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo)]

Letras: 7 cm (líneas 1 y 2), 5 cm (l. 3)

Letra capital cuadrada de no muy buena ejecución. Presenta *ordinatio* descuidada, como se aprecia en las líneas 3 y 4, sin apenas interlineación. No se aprecian interpunciones.

¹ Apenas conocemos otros testimonios epigráficos en la zona, a excepción de la inscripción votiva hallada en la Alberca (L. Hernández, *Epigrafía de época romana de la provincia de Salamanca*, Valladolid 2001, nº 20), y el epígrafe funerario de San Martín del Castañar (*CIL II* 881; L. Hernández, *op. cit.*, nº 107).

Se trata de un nuevo testimonio del culto a Júpiter Óptimo Máximo² en la zona nordoriental del *conventus Emeritensis*. Los nombres del dedicante son muy comunes en *Hispania*³. Reconstruimos ex. gr. la fórmula final en línea 5 pues las posibilidades para la misma son variadas, aunque es la más frecuente en la epigrafía votiva de la zona⁴.

Por la paleografía se fecharía en la segunda mitad del siglo II o inicios del III.

C. MERCADO – E. SÁNCHEZ-MEDINA*



E. Sánchez-Medina

327

² Otras dedicaciones salmantinas a Júpiter Optimo Máximo en Bermellar (*op. cit.* n° 1), Boadilla (en Ciudad Rodrigo; *op. cit.* n° 2), y en Fuenteguinaldo (en Iruña; *CIL II*, 860; *op. cit.* n° 3). Y otra en Gallegos de Argañan, aunque en este caso, dedicada a Jupiter Solutorio (*op. cit.* n° 4).

³ Cf. J. M. Abascal Palazón, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia 1994, p. 155 para el *nomen Iulius* y p. 540 para el *cognomen Vegetus*.

⁴ Cf. L. Hernández, *Epigrafía de época romana de la provincia de Salamanca*, Valladolid 2001, n° 3, 4, 5, 8, 13, 17.

* Becaria de Formación de Profesorado Universitario (MECD). Este artículo se inscribe en el marco del proyecto de la CAM 06/0098/2003.

ESTELA FUNERÁRIA DO ROSMANINHAL

Estela funerária, de granito de grão fino, um material autóctone, com reutilizações várias; a última utilização foi um batente, durante anos, num cancelão na entrada duma propriedade particular na Canada de São Pedro, no Rosmaninhal, freguesia do concelho de Idanha-a-Nova. Está na posse de um particular que a cede ao museu¹. Desconhece-se o seu contexto arqueológico original, mas é provável que provenha de *Egitânia*.

A estela está relativamente conservada, mas apresenta sinais de erosão e desgaste; o topo, arredondado, e as faces laterais apresentam irregularidades, provocadas pelas reutilizações e pelo tempo; o dorso tem os mesmos sinais; com uma fractura recente no sentido transversal e a 25 cm da base rectangular. O campo epigráfico apresenta os mesmos sinais de desgaste de todo o monumento, mas permite a leitura da inscrição na sua totalidade. A moldura singular na base do campo epigráfico esbate-se lateralmente até ao topo, sem outros elementos decorativos. O monumento em si é de grande singeleza e simplicidade, alguma estética, a face polida onde foi grafada a inscrição, a moldura no final do campo epigráfico...

Dimensões: 70 x 36 x 20.

Campo epigráfico: 40 x 26

D(is) · M(anibus) S(acrum) / SVPERAT/E PHILETE M/ATER
F(iliae) PIENT^s/ISSVMAE · F(aciendum) · C(uravit)

Consagrado aos deuses Manes. A Superata. Filete, a mãe, à filha pientíssima mandou fazer.

¹ O Sr. Victor Camisão, do Rosmaninhal, que gentilmente aceitou à realização de fotos e estudo do monumento. Disponibiliza-a, caso o museu esteja interessado na sua preservação.

Altura das letras: l. 1: 6/7; l. 2 e 3: 4,5/5; l. 4: 4/4,5; l. 5: 3,5/5. Espaços: 1: 6/7; 2: 1; 3: 0,5/1,2; 4: 0,7/1,5; 5: 0,5/1; 6:10/11.

A paginação não denota um hábil *ordinator*, embora siga uma tendência para alguma simetria sem grandes irregularidades, com a fórmula inicial em módulo maior e centrada. A pontuação — pontos redondos e sem preocupação estética — surge apenas na última linha. Caracteres actuários.

O texto oferece dificuldades de leitura, dado o desgaste e a erosão a que a superfície epigrafada foi sujeita. Alguma hesitação aconteceu, por exemplo, na interpretação da 1ª letra da l. 2: F ou E; e na l. 5, onde uma terminação -MI parece evidente; no entanto, após análise do monumento, pensamos ser bastante provável a existência de um nexu MA ou mesmo MAE — temos dúvidas, ainda que esta seja a interpretação mais lógica.

Superatus é antropónimo que se regista, pelo menos, mais sete vezes na Península Ibérica, três das quais em Itálica e uma em Mérida². Segundo Kajanto, no conjunto do CIL há apenas sete referências, identificando quatro homens, um libertos e duas mulheres, sendo nome que só aparece na Península Ibérica e na África romana³.

A dedicante, *Philete*, apresenta onomástica de raiz etimologicamente grega, com paralelos na Península Ibérica, sendo uma placa, eventualmente do termo de Fronteira, o testemunho mais próximo⁴. A presença de onomástica grega na área da *civitas Igaeditanorum* não é de estranhar⁵; por outro lado, a hipótese de estarmos perante um ambiente de libertos não parece, por isso mesmo, despicienda.

A presença da consagração aos deuses Manes e o superlativo que qualifica o carácter da defunta levam-nos a apontar para uma datação avançada, quiçá mesmo o início do século III da nossa era.

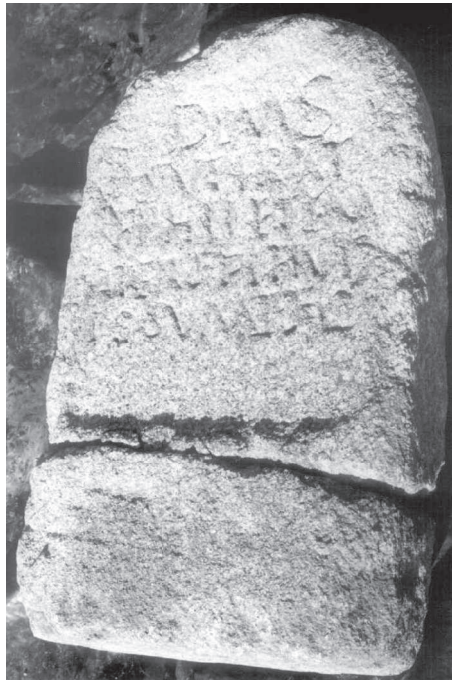
MARIA CASSILDA DOMINGUES SANTOS

² Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 518.

³ Iiro KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 356

⁴ Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 529 (nº 447), onde são referidos os outros exemplos peninsulares.

⁵ Cf. José d'ENCARNAÇÃO, «Libertos no termo da Egitânia romana», *Materiais*, II série, nº 0 (Agosto 1996), vol. 2, p. 13-19.



328

ARA VOTIVA DE SÃO VICENTE DA BEIRA
(CASTELO BRANCO)

Ara votiva de granito róseo, de grão médio, da região, identificada em 1997 na povoação de São Vicente da Beira, aquando das obras de remodelação de uma casa na Rua da Igreja e oferecida por Manuel Macedo Patrício ao Grupo de Estudos e Defesa do Património Cultural e Natural da Gardunha¹. A ara está depositada (Abril de 2004) na sede desta Associação.

O monumento encontra-se em bom estado de conservação, apenas com uma ligeira fractura no canto inferior esquerdo e no final da primeira linha do campo epigráfico. Apresenta uma forma perfeita, com base, fuste e capitel. O capitel está separado do fuste por uma gola directa e reversa.

Dimensões: 50 x 28 x 19.

Campo epigráfico: 19 x 25.

BĀNDV PICI/O PELLICO / TĀNGINI F(*ilius*) / V(*otum*)
L(*ibens*) S(*olvit*)

Pelicão, filho de Tangino, cumpriu com gosto o voto (que fizera) a Bando Pício.

Altura das letras: l. 1: 3; l. 2: 2,5/3; l. 3: 2,5/3; l. 4: 3. Espaços: 1: 0,5/1; 2: 2/1; 3: 2/1; 4: 1; 5: 1/1,5

O campo epigráfico, rebaixado, foi previamente polido antes de receber a inscrição. *Ordinatio* bastante cuidada, com uma preocupação de simetria ao longo de todo o texto, apresentando uma

¹ Agradecemos ao senhor António José, membro do GEGA, todas as facilidades que nos concedeu para o estudo desta inscrição.

boa paginação, conseguida com os nexos NA. Os PP têm panças fechadas; LL de travessões ligeiramente descaídos; OO nitidamente mais pequenos que as restantes letras. Não é evidente qualquer pontuação.

Estamos perante mais uma dedicatória a *Bando*, tratando-se da terceira a esta divindade com epíteto semelhante; apenas como *Picius* em Oliveira do Hospital, e como *Banneus Picius* em Belver².

Tem-se discutido se *Bandus* (em qualquer das suas variantes) é um nome próprio e a divindade em si, ou se é apenas um nome comum e um mero apelativo indígena³, podendo o caso de *Picius*, forma não adjectivada e utilizada também isoladamente, servir de exemplo.

O recente aparecimento, em Sortelha (Sabugal), de uma ara dedicada à divindade *Vordius Talaconius*, cujo epíteto a caracteriza como protectora da produção agrária⁴, relança a discussão, uma vez

² ENCARNAÇÃO, José d' e CARVALHO, Rogério de, *Belver no Tempo dos Romanos – A população e as suas crenças*, Portalegre, 1984.

³ Defende a condição de um simples apelativo o Prof. Javier de HOZ, «La religión e los pueblos prerromanos de Lusitânia», *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania*, Cáceres, 1986, p. 31-49. Depois de analisar a tipologia das menções divinas, e referindo-se a *Bandue* afirma:

«Inclino-me a pensar, pois, que estamos na realidade não perante o nome próprio de uma divindade específica, senão perante um nome comum do tipo *deus*, ou *tutela*, ou *lar*, que na língua lusitana designava diversas deidades, definidas pelo seu epíteto que as caracterizava. [...] Podemos dizer que *Bandue* é provavelmente um nome comum do campo religioso lusitano, traduzível por “divindade”.

[...] Confirma-se o carácter genérico, não pessoal, da apelação *Bandue*, e não necessitamos pensar que todas as dedicatórias a essa invocação se referem realmente a uma mesma divindade. [...]

[...] Os Lusitanos tiveram que reconhecer em alguns ritos trazidos por esses romanos, e em muitas das suas palavras, um indiscutível ar de família [...].

Com a chegada de Roma às zonas da Hispânia habitadas por povos indo-europeus, houve um reencontro através dos séculos».

Opinião contrária defende o Prof. José d'ENCARNAÇÃO, «Divindades Indígenas da Lusitânia», *Conimbriga*, 26, 1987, p.5-37. Citando e comentando a opinião anterior, afirma que: «[...] À primeira vista, poderá parecer um tanto contraditório, [...] o epíteto é que seria o verdadeiro teónimo. É opinião assaz discutível esta: parece-nos mais lógico que o elemento *Bandue* seja o nome próprio e que os epítetos tenham carácter adjectival».

⁴ OSÓRIO, Marcos, «Ara a Vordo Talaconio de Sortelha (Sabugal)», *Ficheiro Epigráfico* 61, n.º. 276.

Acreditamos que o étimo deste teónimo para ser a raiz **ultis*, como significado de “desejo”, sendo *Vortius*, ou o seu carácter *Vortiaecius*, aquele a quem se pede a concretização de um desejo: afinal, ontem como hoje!...

que são já nove as invocações de *Bandus Vortiaecius*⁵ ou *Vortiaecius* isoladamente – forma teonímica indiscutivelmente adjectivada, que, ainda como nome próprio, caracteriza *Vordius*, ele mesmo a divindade.

Idêntico raciocínio se aplica a *Bandus Picus*, onde apenas *Picus* deverá ser nome próprio. E, neste caso, nova dúvida se levanta: a de saber se esta divindade pertencia ao panteão indígena, ou se, pelo contrário, não passaria do deus latino *Picus*⁶, a quem, entre outros atributos, se invocava contra as secas e pela fecunda produção dos campos.

Ora *Vordius Talaconius*⁷ parece corresponder à entidade que se invocava para pedir a concretização de um “desejo de bom sucesso campestre”. E, sendo possível que uma *interpretatio* indígena levasse à assimilação sincrética de divindade latina com os mesmos atributos, então será de primordial importância o facto de ser proveniente do mesmo local, São Vicente da Beira, uma ara cuja consagração, apenas por siglas, é interpretada como B(*andi*) V(*orteaeo*) S(*acrum*)⁸, não sendo despendida esta duplicidade.

Assim, consideramos ser possível que, ao invocar *Picus*, se estaria a invocar a divindade latina *Picus*, sendo *Bandus* apenas um apelativo – talvez usado somente com divindades de um nível funcional baixo (terceira função dumziliana).

Relativamente à antroponímia, além do vulgar *Tanginus*, aparece pela primeira vez a forma *Pellico*, em nominativo, ainda que derivado de *Pellius* – agora também identificado em Castelo Branco. Conhecem-se igualmente as variantes *Pellicus/a* e *Pelliocus* (na região espanhola adjacente). Só uma nova identificação provará não se tratar aqui de um erro esta forma *Pellico/Pelliconis*.

Este monumento deve ser de finais do séc. II.

F. PATRÍCIO CURADO
MANUEL LEITÃO
PEDRO SALVADO
SÍLVIA MOREIRA

⁵ Destas, 5 são do distrito de Castelo Branco: Castelo Branco (São Martinho), Salgueiro (Fundão), São Vicente da Beira e Penamacor (2).

⁶ Pelo parentesco étnico longínquo entre lusitanos e romanos, não chocará que ambos os povos compartilhassem algumas formas teonímicas próximas. Mas, neste caso, poderá tratar-se apenas do teónimo latino, em variante com infecção céltica.

⁷ Com o étimo *tala-* significando “terra, campo”.

⁸ GARCIA, José Manuel, Epigrafia *Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco 1984, p. 51



329